



cinco anos tivemos três secas, uma chuvarada e um ano que deu uma safra boa. É desafiador.

JC – A tendência é que esses eventos climáticos, com muita ou com pouca água, se repitam. Como está sendo trabalhado esse cenário nas propriedades, se safras cheias e rentáveis estão cada vez mais sob risco climático?

Hartmann – A velocidade da recuperação está ligada a aporte de recursos. O produtor vai plantar. Com mais ou menos tecnologia, o produtor é resiliente, criativo, ele busca alternativa. Eventualmente pode plantar e perder dinheiro, porque vai para o custo financeiro do mercado acessar recursos. O aumento da produtividade vai estar relacionado aos projetos governamentais de incentivo. Produtividade está relacionada a investimentos em calcário, fertilizantes e corretivos. E isso a média do produtor não vai fazer neste ano se não houver financiamentos e grandes projetos de alocação de recursos. Agora, que ele vai plantar, vai... Vem a seca, e temos outro problema. Estávamos falando, até o ano passado, em fazer irrigação, mitigar a seca, e poderemos resolver tudo isso. Eu diria o seguinte: o produtor vai plantar, tecnologia vai depender da capacidade de acesso ao crédito e, em segundo lugar, a velocidade da reestruturação do solo e da produtividade vai depender de investimentos maciços do governo.

JC – Nesse contexto de desafios da recuperação tem outro fator, a cotação das commodities...

Hartmann – A commodity sobe e desce. Se pega o preço da soja subindo, compra o insumo mais baixo, tem uma boa margem. Se pega um ano em que o preço do insumo está mais alto – e o insumo sempre é atrás do preço da commodity –, tem uma margem líquida bem menor. Mas isso é do jogo da atividade econômica. O que precisamos é produtividade. E produtividade é investimento no solo. Para ter margem, é preciso produtividade. Tem, no Rio Grande do Sul, quem produz 40 sacas de soja por hectare e quem produz 90 sacas, na média. Isso, às vezes, em uma distância de um quilômetro. Isso é investimento em tecnologia, e para isso precisa recurso. E o produtor não tem recurso para investir.

JC – Essa conjuntura pode frear investimentos das cooperativas em estruturas de armazenagem?

Hartmann – Não vejo hoje um grande problema de armazenagem. O maior problema é a Metade Sul, onde a velocidade de aumento de área de soja é muito grande. Então, a armazenagem está vindo atrás, mas não está alcançando. Mas aí tem a proximidade do Porto de Rio Grande, com essa facilidade escoar diretamente. Mas as



Precisamos buscar a reconstrução através do investimento na agropecuária, onde o retorno é mais rápido

cooperativas, as empresas vão tirar o pé nos investimentos, principalmente por causa dos dois anos de seca. E agora por causa dessa chuvarada. Essa instabilidade vai tirar investimentos em armazenagem.

JC – Mesmo com todas essas adversidades, as cooperativas de todos os ramos no Rio Grande do Sul tiveram crescimento de 20% no resultado de 2023, isto é, as sobras cresceram. A que se deve essa alta contínua?

Hartmann – Os 20% da sobra são do geral das cooperativas. Grande parte dessas sobras são geradas pelas cooperativas de crédito. As cooperativas do agro tiveram sobras mais ou menos idênticas ao ano passado e um pouquinho de redução. Mas tiveram sobras. E o produtor que teve tecnologia, que produziu bem, teve sobras no ano passado. Mas tem muito produtor que já está há três anos reduzindo a tecnologia. Menor a produtividade, menor o resultado... Mas o cooperativismo aumentou o share do mercado, sua participação do mercado agro no Rio Grande do Sul. Crescemos.

JC – E a participação no PIB como um todo também cresceu?

Hartmann – O sistema cooperativo faturou no ano passado R\$ 86,3 bilhões. Isso corresponde a 13,4% do PIB do Rio Grande do Sul, que somou R\$ 640,2 bilhões em 2023 (5,9% do PIB nacional). Hoje o sistema cooperativo tem, na exportação da soja, os dois terminais da CCGL têm 70% de todas as exportações de soja do Rio Grande do Sul. O sistema cooperativo está crescendo. Pela assistência técnica, pela presencialidade, pela tecnologia do SmartCoop, que é uma plataforma tecnológica pela Rede Técnica Cooperativa (RTC), tem o Centro de Pesquisa, depois tem 1,1 mil agrônomos que têm essa pesquisa à mão, para ser aplicada em tempo real, então, tem todo um trabalho que é feito diferente de uma empresa que compra soja. E nesse crescimento tem o RS Coop 150, oportunizando essa intercooperação com o transporte e os outros ramos

do cooperativismo, que têm essa capacidade.

JC – As cooperativas gaúchas ajudando-se entre si...

Hartmann – O RS Coop tem essa capilaridade de oportunizar o crescimento entre as cooperativas. Por exemplo, hoje tem uma plataforma onde as cooperativas de transportes tomam frete das cooperativas e grãos. Hoje as cooperativas de infraestrutura prestam serviços a todos os armazéns das cooperativas agropecuárias. Tem se trabalhado assim, para que todas as cooperativas de saúde possam atender todas as cooperativas agropecuárias. Então, o processo é transversal. Se olharmos, por exemplo, todos os supermercados de cooperativas (somados formam) a maior (rede) do Estado. Está se criando uma central de compras no sistema cooperativo. Está se discutindo uma central de logística do sistema. Temos muita capacidade de convergência ainda, onde possamos nos unir, não nas estruturas básicas de armazém, mas na inteligência, na logística, na informação, na tecnologia, temos condições de crescer muito nos próximos anos.

JC – Muito se fala em como manter o jovem no campo. Agora a pergunta é como manter o gaúcho no Rio Grande do Sul com essa questão das enchentes...

Hartmann – Olha, o jovem tem ficado no campo, acho que essa matéria está um pouco vencida. O jovem está ficando no campo porque tem tecnologia, internet fibra ótica, toda a tecnologia no campo, e tem renda. Produtor que tem renda, o jovem fica. Para manter o gaúcho, temos que trabalhar muito forte, com muita vontade de mostrar o quanto somos capazes de fazer de novo, mas fazer

diferente. Construir um agro diferente, construir cidades diferentes, construir um Estado diferente, com novas tecnologias, com novas variáveis. E o grande caminho para fazer isso é a cooperação. E é por isso que o cooperativismo está crescendo muito forte.

JC – É hora de unir todo o Rio Grande do Sul?

Hartmann – Agora é hora de olhar o Rio Grande, fazer cooperação entre Estado, município e União para que possamos reconstruir. Eu acredito que é muito bom esse Estado. Temos muita tecnologia, muita capacidade de produção, muita resiliência. O que precisamos agora é de um empurrão da União através da injeção de recursos para que o Estado possa decolar de novo, e vamos produzir com muita intensidade. Quando eu comecei a produzir soja, produziamos 3 milhões de toneladas (no Rio Grande do Sul. Estamos com 22 milhões de toneladas). Se der duas safras boas, não temos capacidade de exportação, não tem terminais para exportar. Então, tem muita coisa boa acontecendo nesse Estado, só que temos que valorizar e potencializar.

JC – Diversos ramos do cooperativismo colaboraram na crise...

Hartmann – O trabalho que a Cootravípa fez na limpeza de Porto Alegre... É uma cooperativa. As cooperativas de transporte, colocando os veículos a disposição, foi um trabalho belíssimo feito nesse período. A questão da Saúde, que fez o trabalho de disponibilização das centrais de medicamentos. As de Crédito, que estão dobrando o valor, cada real que é doado, é doado mais um real pelas cooperativas de crédito, o Sicredi está aportando para fazer a reconstrução do Estado.



O Vale do Taquari e o Vale do Jacuí têm cooperativas de infraestrutura que sofreram muito com o impacto das cheias

JC – Qual é o aprendizado que a sociedade como um todo pode pegar no cooperativo?

Hartmann - Esse desastre climático ensinou uma questão fundamental: temos que buscar uma cooperação maior, temos que repensar nossas atividades, pensar, fazer diferente, fazer novo, entender que precisamos trabalhar mais com cooperação. Cooperação entre todos os setores, olhar mais as nossas convergências e minimizar nossas divergências. Muitas vezes potencializamos os 10% que temos de divergências, esquecendo de olhar os 90% que nos convergem. E olhar o Rio Grande como um todo, com cooperação e com muita vontade de trabalhar vamos reerguer esse Estado, tenho absoluta convicção disso. E vamos ter um Estado muito melhor preparado e muito mais tecnológico. Vamos sair em uma nova era de desenvolvimento. Mas vai depender de nós todos, integrados, temos condição de (fazer) emergir esse Estado. O sistema Ocergs está se colocando à disposição do governo do Estado para a reconstrução.

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Hartmann observa que as cooperativas de crédito estão presentes fisicamente em todo o Estado